

**TRAVESTILIDADE:
O VESTIR COMO DESENHO E REGISTRO
DE UMA MULHER IDEALIZADA.**

Carol Barreto¹.

RESUMO

Este trabalho propõe uma documentação dos modos de construção da aparência no grupo de travestis da cidade de Salvador, que se reúnem na sede do Grupo Gay da Bahia (GGB), compondo a Associação das Travestis de Salvador (ATRAS). Visa-se a compreender a estética travesti sob a égide da dinâmica da moda, que expressa numa imagem modos de pensar, ser e agir construídos socialmente. Tal imagem é redefinida por elas através do redesenho, quando modificam sua estrutura formal a partir de aparatos vestimentares, ingestão de hormônios, incisões corporais, maquiagem etc. Para compreensão da expressão visual/sexual do grupo em questão, entende-se o desenho como uma estrutura complexa de registro da interioridade, manifesta na exterioridade de um indivíduo, e compreende-se a ação como parte da estruturação da forma.

Palavras-chave: moda, redesenho, travestis.

ABSTRACT

This paper presents informations from the research that is being developed for a Master Degree in Drawing, Culture and Interactivity. Discussing about some processes of Redesign, the Fashion theories are applied here in the scope of the individual expression, of the appearances construction and the intervention processes at clothes or bodies. To study how some Brazilian transgendered persons intervenes at his bodies and clothes in order to create a corresponding image to his personal or professional intentions is the analysis objective.

Key Words: fashion, redesign, transgender.

1 Glamour

Iniciaram a maquiagem bem concentradas e espalhando o conteúdo da mala – num misto de brincos, sapatos, vestidos, *sutiens*, bolsas e *bois* – escolhiam ansiosas o que vestir. Essa expressão “ansiosa” se refere muito mais ao perfil de Vivian do que à Luzia. Esta última, talvez por ser mais jovem ainda não fecha² tanto, é mais tranqüila. Com Vivian é diferente, a sua primeira pergunta foi: - Pode tirar foto nua? Eu respondi: -

¹ Caroline Barreto de Lima é aluna do mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Orientador: Prof^o Dr. Edson Ferreira. Bolsista CAPES.

² Termo comum no grupo, refere-se a alguém que chama muita a atenção da pessoas ao redor.

Olha Vivian... Eu estou aqui para fotografar, você faz o que quiser! Feliz com a resposta – eu não via motivo para dizer que não, nem da minha parte, ou dela, nem pelo local que era bem reservado – ela desiste de se vestir e permanece exibindo a sua minúscula calcinha vermelha, ostentando no umbigo um *piercing* de metal prateado com pedras de *strass* cor de rosa e tatuado o abdome, logo ao lado do adereço, um escorpião. Enquanto ela escolhe demoradamente qual dos *sutiens* colocar, fotografo sua barriga. Desiste de usar *sutien*, pega o enorme *bois* de penas brancas, se enrola e pede que eu fotografe. Assim vamos transitando pelo espaço e conseguindo imagens cada vez melhores e com melhor expressão.

È como se o ato de posar para a fotografia pudesse revelar as imagens que habitam o seu imaginário feminino, bem como as coloca na mesma posição exibicionista da batalha nas ruas. Creio que possamos notar claramente como cada uma gerencia a imagem de mulher idealizada para si, a partir de seu nome, perfil e construção corporal. Este é mais um palco onde elas estão sempre à vontade e com vontade para explorar, noto um certo orgulho ao exibir fotos suas em outras situações e carregá-las consigo para exibí-las aos olhares alheios. Seria considerada esta uma prova, algo como um registro visual da sua feminilidade?

Mesmo diante do explícito “exibicionismo” de Vivian (desse jeito mesmo, assumidamente redundante), Luzia mantinha-se muda, rindo espaçadas vezes. Resolvemos fotografar com a roupa que estava para depois mudar de blusa como queria: - “Gosto mais da outra porque mostra a barriga”, disse. As paredes, num tom de vermelho quente, complementaram a sua escolha ao se vestir: brincos grandes com pedras da cor da blusa vermelha, tons que contrastaram muito bem com a sua pele negra. Nas fotos, sorria timidamente e não fazia muitas poses.

Com a afirmativa em relação à nudez, Vivian com seu *bois* branco, fazia inúmeras poses com caras e bocas ao modo das estrelas de cinema ao serem fotografadas e mudava de roupa rapidamente, querendo explorar todo o conteúdo da mala que trouxera. (...)

2 Travestilidade

O relato anterior, um extrato do meu diário de campo, refere-se à primeira sessão de fotografias com as Travestis da ATRAS. Depois de seis meses de frequência nas reuniões e convivência cotidiana com as meninas, iniciamos o registro de imagens e falas no grupo. A análise que compõe este trabalho parte da imagem visual dessas

pessoas, no âmbito dos processos de redesenho do corpo e construção da aparência empreendidos pelas mesmas, para chegarmos à compreensão da sua subjetividade. Não podemos considerar a aparência sem perceber como se travam as suas relações com o meio social, com seu grupo, com as pessoas externas a este, mas que convivem com o grupo e em especial quais as idéias, valores e parâmetros que orientam sua relação com o seu corpo e com a sua apresentação visual.

Nosso trabalho parte dos conceitos de *Cultura*³, *Moda*⁴, *Desenho*⁵, *Redesenho*⁶ e *Aparência*⁷, como base para a nossa interpretação frente às relações travadas com o grupo e dentre os aspectos sociais observados e registrados a partir dessa pesquisa Qualitativa - MINAYO (1994) - com orientação Etnográfica - GEERTZ (1989).

Tomamos como “ser Travesti” nessa especulação, uma pessoa de sexo biológico masculino que incorpora características físicas do ser feminino, adquiridas através de intervenções cirúrgicas e ingestão de hormônios e que se veste e se porta de modo semelhante ao indivíduo do sexo feminino cultivando essa imagem cotidianamente, porém conservando o órgão sexual masculino. È uma definição aproximada da Transexual, que tem como diferença o modo como se relaciona com o seu órgão sexual masculino, optando, quando possível, por modificar a genitália por meio da cirurgia transgenitalização.

Travestilidade é um termo que se refere à ação de tornar-se ou ser uma Travesti. Referimo-nos a tais pessoas no gênero feminino como uma forma de coadunar com uma das atuais discussões do Movimento Transgênero Brasileiro, que consiste em sugerir que se identifique o gênero da pessoa a partir da sua aparência, seja ela feminina ou masculina, para que dessa maneira adotem termos que se relacionam do melhor modo possível com a sua apresentação e nome escolhido.

3 SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves Editora, 1988.

4 LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

5 GOMES, Luiz Vidal Negreiros. *Desenhismo*. Santa Maria – RS: editora da UFSM, 1996.

6 FERRARO, Lucrecia D’ Aléssio. *Ver a cidade: cidade, imagem e leitura*. São Paulo, Nobel, 1988.

7 GARCIA E MIRANDA. Carol e Ana Paula de. *Moda é comunicação: experiências, memórias e vínculos*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

3 Moda, Corpo e Aparência

Entendendo a Moda como: “um dispositivo social, caracterizado por uma temporalidade particularmente breve, por reviravoltas mais ou menos fantasiosas, podendo, por isso, afetar esferas muito diversas da vida coletiva.” (LIPOVETSKY: 1989: 24), baseamos este estudo segundo as definições de Lipovetsky, aceitando um conceito de Moda fruto da quebra da tradição e do mimetismo coletivo na ordem das aparências, que resulta na individuação dos gostos, na apoteose da gratuidade estética, num plano de expressão da liberdade dos sujeitos, sendo esta a lógica constitutiva do universo das aparências como nos diz o autor:

Sua instabilidade significa que o parecer não está mais sujeito à legislação intangível dos ancestrais, mas que procede da decisão e do puro desejo humano. Antes de ser signo de desrazão vaidosa, a moda testemunha o poder dos homens para mudar e inventar sua maneira de aparecer; é uma das faces do artificialismo moderno, do empreendimento dos homens para se tornarem senhores de sua condição de existência. (LIPOVETSKY: 1989: 34).

Senhoras de sua condição de existência, as Travestis demonstram a própria dinâmica da Moda e o seu conceito. Não se contentam em apreciar o espetáculo dos outros e dessa maneira investem em si mesmas. Assim como a definição de Moda do autor supracitado, a Travesti “tem ligação com o prazer de ver, mas também com o prazer de ser visto, de exibir-se ao olhar do outro” (LIPOVETSKY: 1989: 39). Sua personalidade é aparente, uma vez em que se ocupam de sua representação-apresentação assim como se preocupam com as dificuldades cotidianas e ações para a sobrevivência.

Ser, fazer e aparecer compõem a construção simbólica da Travesti, que tem na sua Aparência um suporte visível – um Desenho – da sua essência, como nos mostra CIDREIRA (2005), que afirma:

“Caluniam-se as aparências. Tomam-lhe invariavelmente por enganadoras. Sob o pretexto de que elas não dizem sempre a verdade – o que é verdadeiro –, lhe acusam de mentir sem cessar, mas as aparências revelam mais frequentemente do que enganam. Elas não têm nada a esconder, porque estão inteiras no visível.” CIDREIRA (2005:17).

O elemento da Moda como constituinte da construção da Aparência e de uma rede de sentido, como nos apresenta CIDREIRA (2005) no capítulo *Moda e Significação* – onde nos aponta a importância de uma estética visual específica e singular na definição do indivíduo que o faz por meio da adoção de determinada

constituição visual – nos é muito interessante aqui, no sentido de possibilitar a compreensão do comportamento e da ação da Travesti como um processo de Redesenho e redefinição não só de suas formas visuais e corporais, mas principalmente do seu “eu”.

Diferentemente do corpo travestido, o corpo Travesti é território, é um espaço de ação, relação e vivência. Para CASTRO & BUENO (2005) o corpo é espaço de transformações históricas, experiências tecnológicas, representações estéticas, expressão de novos modos de vida e é espaço de mediação. A Travesti soma tudo isso ao registrar sobre si mesma os processos de construção cultural do gênero, destacando as formas como se desenvolvem o feminino e aprende-se a ser ou parecer mulher.

Tentaremos compreender a estética Travesti sob a égide da dinâmica da Moda, que expressa numa imagem modos de pensar, ser e agir construídos por meio do Redesenho, quando esta modifica sua estrutura formal a partir de aparatos vestimentares, ingestão de hormônios, incisões corporais e maquiagem. Estes itens se encontram inclusos no conjunto dos processos de construção da figura utilizados por mulheres brasileiras cotidianamente, não obstante, tal prática exercida por esse grupo é recebida socialmente como um desafio às normas pré-estabelecidas e às definições do que seria parecer masculino ou feminino, resultando num processo factível de exclusão social.

4 Considerações finais

Objetiva-se nesta pesquisa saber como elas se vestem, mas antes de tudo saber ‘porque’ elas se vestem. A escolha da cor do batom, da altura do sapato, do comprimento da saia, do volume dos seios e o comprimento dos cabelos, são apenas as expressões visíveis de uma construção de gênero que é antes de tudo social e assim é reinterpretada na cultura Travesti. O ser feminino no universo Travesti é muito mais que uma aparência, vem a definir os seus modos de organização simbólica – logo a sua cultura – e apresenta-nos um suporte visível (um desenho) de uma construção que se configura ao longo de sua vida. Até onde pude apreender no contato com o grupo, não se faz uma simples transformação, ou seja, não se vira Travesti, se expressa sua interioridade, sexualidade e cultura no seu corpo por meio do redesenho de suas formas, texturas, contornos e especialmente do redesenho de sua ação.

Ser Travesti não se define pela quantidade de hormônio que se ingere, ou pelo volume de silicone aplicado nos seios, mas independentemente das definições corporais

a Travesti é muito mais Ser do que Parecer, mas muito também Aparecer. Seu comportamento, sua visão de mundo, sua relação com o meio, enfim, sua subjetividade define sua travestilidade. È um conceito que começa no vestuário – pela origem do termo que define como vestir-se com roupas de outro sexo - e culmina no vestuário – quando sua subjetividade redesenha a sua aparência.

O que interessa a este trabalho ultrapassa o visível para tentar chegar às bases dessa aparência, deste redesenho. O que nos seduz é a possibilidade de acessar essa substância e assim iniciar a compreensão sobre o que emana desse grupo em relação às definições sobre si mesmas. Mas, vale salientar, que aqui não nos interessa tal compreensão no âmbito da psicanálise, que virá a tratar o tema como psicopatologia e, além disso, devemos esclarecer que as discussões sobre sexualidade e gênero são temas transversais neste trabalho e não serão discutidos diretamente.

5 Curriculum Vitae

Carol Barreto é designer de moda e educadora. Mestranda em Desenho, Cultura e Interatividade e especialista em Desenho, desenvolve pesquisas e projetos relacionados às práticas de redesenho na moda, desde o âmbito acadêmico à construção de coleções para desfiles. Seus escritos travam discussões entre a moda, enquanto teoria e conhecimento e os processos humanos de expressão individual, sexual e cultural.

Referências

- CIDREIRA, Renata Pitombo. *Os sentidos da moda (vestuário, comunicação e cultura)* São Paulo: Annablume, 2005.
- BUENO E CASTRO. Maria Lúcia. Ana Lúcia (org.) *Corpo, território da cultura*. São Paulo: Annablume, 2005.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro-RJ: Editora LTC. 1989.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MINAYO, Cecília de Souza. *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis, 1994.